

AS CHEGAS DE BOIS NO BARROSO (NORTE DE PORTUGAL): SABER FAZER UM TOURO DE COMBATE

CRISTIANO PEREIRA*

Resumo: Na região do Barroso, em Trás-os-Montes, o gado bovino e a raça Barrosã, assumem grande destaque, quer social quer económico, com as *chegas de bois* a serem uma das principais práticas associadas a estes animais. Assim, neste texto, é pretendido apresentar respostas a diversas questões, das quais podem ser destacadas as seguintes: como se seleciona um touro de combate?; como se prepara um touro para combater?; os cuidados, como a alimentação, a ter com estes diferem dos cuidados a ter com os outros touros, bois e vacas?; como é a relação entre proprietários e touros?

Palavras-chave: Barroso; gado bovino; *chegas de bois*; tauromaquia.

Abstract: In the Barroso region, in Trás-os-Montes, bovine cattle and the Barrosã breed are prominent, both social and economic; with *chegas de bois* (bullwrestling) being one of the main practices associated with these animals. Thus, in this text, it is intended to present answers to several questions, of which the following may be highlighted: how to select a combat bull?; How do you prepare a bull to fight? are the cares like food to have with them different from the care of other bulls, oxen, and cows? How is the relationship between owners and bulls?

Keywords: Barroso (North of Portugal); cattle; *chegas de bois* (bullwrestling); tauromachy.

* Aluno do Programa de Doutoramento FCT em Antropologia: Políticas e Imagens da Cultura e Museologia (com apoio financeiro da FCT e do FSE); ISCTE-IUL/NOVA-FCSH/CRIA. Email: camgp1991@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Neste texto pretende-se, após algumas notas introdutórias (onde, por exemplo, se pode ficar a conhecer, de forma breve, a história das chegas de bois), descrever práticas associadas àquilo que pode ser definido como o *saber fazer* presente nas chegas de bois, de forma a compreender como se podem melhorar as capacidades de combate (apontadas, não raras vezes, como *naturais*) de um touro — ou seja, como *se faz* um touro de combate. De facto, e sobre a seleção e preparação de animais para práticas tauromáquicas, Jean-Baptiste Maudet¹ reconhece que a observação da existência de diversas raças bovinas permite melhorar a compreensão da diversidade de práticas e jogos tauromáquicos; sendo que esta variedade de raças se pode associar a técnicas de seleção, cruzamento e reprodução especializadas com vista à procura dos animais ideais para participar nesses mesmos jogos.

Assim, ao longo do texto, é feita referência à forma como os touros de combate, no caso do Barroso, são selecionados, alimentados, treinados e tratados no dia a dia, preparados nos dias que antecedem os combates, bem como os cuidados especiais a ter com estes depois de uma chega, e a toda a relação existente entre estes animais e os seus proprietários, e em que, por vezes, diferem ou não estes cuidados dos cuidados prestados a outros touros, bois e vacas.

No que respeita aos métodos utilizados, é fundamental realçar o recurso exclusivo a métodos qualitativos e associados à pesquisa etnográfica. Destacando-se a observação direta, realizada em vinte e cinco combates, ocorridos no Barroso, entre 2015 e 2016. Foram, ainda, selecionadas entrevistas semiestruturadas, concedidas por seis proprietários de touros de combate e gado bovino em geral, todos eles habitantes no Barroso.

BARROSO: CARACTERIZAÇÃO, COMUNITARISMO, BOI DO POVO E GADO BOVINO

O território conhecido como Barroso, ou Planalto Barrosão, situa-se no Norte de Portugal, no distrito de Vila Real, em Trás-os-Montes, e é constituído, de forma maioritária, por dois concelhos, Boticas e Montalegre. No que respeita à organização social, este concelho assenta em pequenos, mas concentrados núcleos populacionais — organização típica de comunidades de montanha. Este território é sobretudo rural, contudo pode encontrar-se nele núcleos urbanos de pequena dimensão, como as vilas de Montalegre, Salto e Boticas. Economicamente, este território é marcado pela propriedade minifundiária, pela agricultura de montanha, e, mais do que por esta, pela pastorícia e pecuária, com a criação de bovídeos, porcos (animal associado à produção de fumeiro, também ele importante para a economia do Barroso), coelhos, cabras, ovelhas, galinhas e outros animais de capoeira. Para a dinamização económica do Barroso é, de igual

¹ MAUDET, 2010: 75.

forma, inegável a importância da aposta no turismo, boa parte das vezes associado ao património cultural e natural da região; também as remessas de emigrantes gozam de importância quando se fala da economia deste território.

No passado, «imposto pelas condições naturais do meio montanhês, mas agravado pelo esquecimento a que as populações foram condenadas pelos centros de poder»², para as populações de Barroso, bem como para outras populações serranas do Norte de Portugal, o comunitarismo agro-pastoril (também referido como comunalismo ou coletivismo) «constituiu fatalmente a única saída»³.

Tude M. de Sousa, que se dedicou ao estudo do Gerês e das suas comunidades, afirma que neste regime os

*povoados se integravam para a prática de serviços, reciprocamente prestados de interesse individual e colectivo, e em que reciprocamente obedeciam a regras e preceitos de longe estabelecidos, para uma vida jurídica especial criada por eles, a que todos religiosamente obedeciam*⁴.

Polanah⁵ faz referência ao comunitarismo como sendo o conjunto de trabalhos coletivos que o povo camponês executa na gestão da sua aldeia e dos bens que lhe estão adstritos, sendo que os trabalhos comunitários não se destinam a ninguém em particular; reverterem para o património do grupo total, existindo, também, direitos individuais e familiares sobre objetos e recursos produtivos comuns que se acham regulados, por forma a garantir o acesso de todos eles, a cada qual em seu momento próprio: o forno do povo; a água da rega; o uso das eiras; o boi do povo. Já o Padre António Lourenço Fontes⁶ indica que a par do forno do povo, o boi do povo era o símbolo do comunitarismo em Montalegre. Em grande parte das aldeias da região Barrosã era comum os habitantes associarem-se para a compra e sustento de pelo menos um touro, que tinha como funções a reprodução e, por vezes, a participação em chegadas de bois.

Assim, é possível observar que uma das práticas constituintes e emblemáticas do comunitarismo no Barroso se relaciona de forma direta com o gado bovino — não se devendo aqui ignorar os rebanhos coletivos e pastados «à vez», designados por vezeira. De facto, é inegável a importância social e económica que o gado bovino assumiu, e assume, no Barroso, onde estes animais eram «objeto de mil cuidados» por serem a «fortuna, a força que puxa o carro e o arado, que dá o leite, o dinheiro e até convívio familiar», e onde, segundo o protesto de um pároco local, «o Deus era a vaca, era a

² POLANAH, 1992: 63.

³ *Ibidem.*

⁴ SOUSA, 1927: 3.

⁵ POLANAH, 1989: 41-43.

⁶ FONTES, 1982: 8.

ela que se prestava culto»⁷. Por exemplo, e também sobre a importância do gado de raça Barrosã, uma memória de 1813 permite-nos saber que, já nesse período, os «gados fazem o ramo mais importante do comércio d'exportação de Barroso: toda a Província do Minho prefere os novilhos de Barroso aos criados em outro qualquer terreno»⁸.

Quanto ao boi do povo, Fontes⁹ indica que as localidades de Barroso, segundo as suas posses, caprichos e número de vacas, podiam ter um, dois, três ou quatro bois comuns. Estes animais eram comprados pela população de determinada aldeia ou pelos seus representantes com o dinheiro de todos, e era habitual vender-se o touro mais velho para a aquisição de um mais novo; caso sobrasse dinheiro, este era posteriormente utilizado para comprar alimentos para o novo touro ou para despesas comuns. Também o esterco deste animal era vendido, e o ganho revertia para o seu sustento. Este autor menciona, ainda, os cuidados e formas de sustento a que o boi do povo tinha direito, comparando este animal a um «grande senhor feudal, mais rico que muitos dos habitantes das aldeias»¹⁰. Assim, ao boi do povo pertenciam boas cortes, bons palheiros e celeiros, pastos, lameiros de feno, lamas, terras de centeio, milho, poulas e ao seu cuidado dedicava-se o pastor do boi. Se até às últimas décadas do século XX o boi do povo tinha direito a várias regalias, tinha também «alguns deveres imprescindíveis: por um lado, a cobrição; por outro o espetáculo das chegas»¹¹.

BREVE HISTÓRIA DAS CHEGAS DE BOIS: DO BOI DO POVO ATÉ AOS CAMPEONATOS¹²

As chegas de bois, por oposição às touradas (marcadas pela existência de códigos precisos e padrões mais ou menos rígidos), e a par, por exemplo, da *vaca das cordas*, da *capeia arraiana*, da *vaca de fogo*, podem ser incluídas na tauromaquia popular, que diz respeito a costumes locais, onde as regras são determinadas pelos participantes¹³.

Por outro lado, as chegas podem ser incluídas nos combates de animais, sendo que os combates com touros estão presentes em diversas regiões do mundo e em várias épocas, especialmente em comunidades rurais onde os bovídeos são animais de trabalho por excelência¹⁴.

Segundo Ernesto Veiga de Oliveira, as chegas de bois eram o «espetáculo favorito de barrosão» e «um acto pleno de significação»¹⁵. Apesar de estas serem lutas de dois

⁷ GUERREIRO, 1981: 87.

⁸ ALVES, 1985: 22.

⁹ FONTES, 1992: 81.

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ MORAIS, 2007: 97.

¹² Estes dados podem ser consultados com maior profundidade na seguinte dissertação de mestrado: PEREIRA, 2016: 103-139 e 167-174.

¹³ CAPUCHA, 2013: 168.

¹⁴ BISHOP, 1926: 447.

¹⁵ OLIVEIRA, 1995: 254.

touros entre si, à marrada, extremamente violentas, a luta só se verificava verdadeiramente e tinha um sentido empolgante pelo facto de cada touro ser de uma aldeia diferente. Assim, as vitórias e as derrotas eram vividas como atos em que todos os habitantes de uma aldeia estavam comprometidos. Sintetizando, na opinião deste autor, o boi do povo era o próprio povo e a chega era a luta de duas aldeias, que aí podiam conhecer a honra ou a vergonha.

No entanto, a partir da década de 1970, mas sobretudo nos anos 1990, e devido à capacidade que as populações passaram a ter para adquirir de forma individualizada determinados bens, o comunitarismo, forma de organização social que Montalegre e outras comunidades serranas conheceram durante séculos, entrou em decadência. Por esta razão e também por culpa da emigração, que levou à diminuição da população do concelho de Montalegre, em particular da população jovem, também o boi do povo foi, de forma progressiva, desaparecendo; ou melhor, sendo substituído por touros de proprietários privados, e assim, utilizados por estes em tarefas reprodutivas, mas também em chegadas de bois. Esta alteração trouxe muitas outras transformações nas chegadas de bois, por exemplo: se antigamente o boi do povo era levado a pé por grande parte da população da sua aldeia até ao local onde decorria o combate, atualmente este transporte é feito com recurso a uma carrinha; no passado a vitória de um touro era celebrada efusivamente por toda uma aldeia, atualmente esses festejos são raros e apenas feitos pelo proprietário e alguns familiares e amigos seus; assim, se antigamente uma vitória numa chega de bois garantia a honra da aldeia, atualmente esta conquista possui apenas relevância para o prestígio social destes proprietários; antes, as chegadas de bois decorriam em terrenos a igual distância das duas aldeias rivais, mas recentemente foram construídos propositadamente espaços para a realização de chegadas de bois; os touros derrotados, ao contrário do que acontecia outrora, podem hoje em dia continuar a realizar combates.

Com a passagem do boi do povo para os touros de proprietários privados, importa ainda salientar que: estes animais começaram a realizar um maior número de chegadas de bois, havendo, em determinados fins-de-semana, chegadas de bois em dois ou mais locais diferentes; foi introduzida a cobrança de bilhetes para se assistir a estas lutas; os proprietários passaram a ser contratados por organizadores de chegadas de bois e a receber, por vezes, avultadas quantias monetárias por cada chega em que os seus touros participem.

Atualmente, são organizados tanto em Boticas como em Montalegre (aqui pelo menos desde 1992¹⁶), tal como noutros concelhos como Vinhais e Bragança, campeonatos de chegadas de bois. A estes estão associados prémios monetários e surgiram com o intuito de revitalizar as chegadas de bois e de apoiar a criação de raças autóctones, como a raça Barrosã ou a raça Mirandesa.

¹⁶ MOURA, 1995: 159.

AS RAÇAS, SELEÇÃO E PREPARAÇÃO DOS TOUROS DE CHEGAS DE BOIS¹⁷

Relativamente à seleção dos animais com que estes proprietários privados participam em chegas, J. C.¹⁸ (trinta e quatro anos, trabalhador por conta de outrem e proprietário de gado) começa por dizer que tal não é um processo fácil de explicar: este acredita que «só de olhar» para um touro consegue perceber quais as suas capacidades, enganando-se muito raramente, «já quem não conhece estes animais não o percebe logo». Segundo este, as características que se devem procurar e valorizar nestes animais prendem-se com a «forma como estes olham para nós, se fazem caretas ou até se marram quando nos aproximamos deles», bem como a presença de determinadas características físicas, por exemplo, principalmente no gado de raça Barrosã, «a presença de uma galha bem comprida, para poder ficar bem afiada e, assim, picar os outros». J. B. (setenta e cinco anos, antigo proprietário de gado) salienta que se devem utilizar nas chegas de bois touros de «boa casta», que durante a luta demonstrem ser «poderosos e aguerridos» e, ainda mais importante, que sejam de «bom trato» e «mansos» com os proprietários ou tratadores. N. D. (trinta e nove anos, trabalhador por conta de outrem e proprietário de gado) comenta que «até à realização da primeira luta é uma incógnita saber se um touro é, ou não, um bom lutador», pois são vários os fatores que influenciam a prestação de um animal. Por exemplo, este pode «ter boas características, ou demonstrado antes que combatia bem, mas se não gostar do transporte pode até nem pegar no dia da chega».

N. D. refere que, de forma a garantir bons touros de combate, vários criadores fazem «cruzamentos de animais ou de raças mais corpulentas com os animais das nossas raças autóctones», como de raça Barrosã, Mirandesa ou Arouquesa, procurando associar, assim, a robustez física à «boa galha», ou outras características idealizadas pelos proprietários. Para N. D. deve-se procurar garantir «animais de boa raça, com ascendentes que tenham dado provas de serem bons lutadores», e que sejam «cabeçudos, com nascedouros grossos e boa galha, que não seja demasiado gancha», bem como «ser mais forte na frente do que na parte traseira, como um leão ou um javali» e «que seja corpulento».

Quanto à alimentação, N. D. indica que, no seu caso, os touros com que participa em combates comem sobretudo «produtos naturais e da região», alimentos que compensa «com ração rica em fibras», e, assim, menos propícia à engorda dos animais. Porém, como este informa, existem proprietários de touros que apenas alimentam os seus «animais com rações e cereais comprados», e ainda há quem recorra a «suplementos vitamínicos» quando se aproxima uma chega de bois. N. D. considera ainda que a composição da alimentação destes animais não deve ser alterada nos dias anteriores à

¹⁷ Estes dados podem ser consultados com maior profundidade na seguinte dissertação de mestrado: PEREIRA, 2016: 143-156.

¹⁸ Proprietário de gado bovino, com o qual participa em chegas de bois, entrevistado, tal como os restantes informantes, a seguir referidos, entre 2015 e 2016.

realização de chegadas de bois; no entanto, este confirma que no dia do combate reduz a quantidade de alimento ou apenas dá aos touros feno, para que estes «não fiquem muito fartos, ou com os estômagos cheios, o que pode fazer com que se sintam mal quando se esforçam». Por sua vez, A. T. refere que a alimentação dos touros com os quais participa nestes combates é idêntica à do restante gado, ao qual procura «dar de tudo, mas poucas farinhas, porque engorda mais os animais». Assim, este alimenta os seus animais sobretudo com «coisas naturais, como centeio ou feno».

N. D. afirma que, na preparação dos touros para os combates, são de grande importância as chegadas de treino, isto é, chegadas realizadas, regra geral, entre dois touros do mesmo proprietário, que devem ter aproximadamente a mesma idade ou então um deles ser um animal mais jovem ou com poucas capacidades para combater, ou estar pouco habituado a fazê-lo, por vezes «adquirido por um preço próximo ao que estes animais valem quando vão para abate». Todavia, estas chegadas de bois devem ter poucos espectadores e que sejam da confiança do proprietário, pois, caso o touro que se pretende treinar através deste método perca e isso seja do conhecimento geral, este nunca poderá ser considerado campeão. Da mesma forma, A. T. afirma que quando os seus animais são ainda jovens, regra geral, a partir dos dois anos ou dois anos e meio, os coloca frente a frente com touros da mesma idade e, assim, vão treinando e apurando a sua técnica de combate.

Segundo N. D. é importante a colocação de proteções nos chifres dos animais. Estas servem para evitar que os touros, sobretudo quando se encontram estabulados e caso batam com os chifres em pedras, nas manjedouras, ou outras superfícies, os danifiquem, e, assim, corram o risco de ficarem incapacitados de lutar ou participem de forma diminuída nos combates. N. D. informa também que os chifres destes animais, quando permitido, são afiados, normalmente antes do combate, com grosas para madeira ou para ferro, com lixa e também com vidro. A. T. acrescenta ainda ser importante habituar os touros a serem transportados na carrinha de transporte de animais, para que no dia do combate não tenham medo ou se encontrem nervosos; sobre isto, N. D. refere que esse transporte deve ser feito «de forma suave e o mais lentamente possível, para que o animal se sinta bem».

J. B. salienta que outro passo fundamental na preparação para a luta de um touro é «andar fora, ao sol, em terreno duro, para gastar as patas»; H. S. (aproximadamente trinta e cinco anos, proprietário de gado) confirma que os seus touros de combate «vão dia sim, dia não com as vacas para o monte, para ganharem preparação». Contudo, este procedimento não é realizado nos dias antes da chegada, para os animais «não lidarem com as patas pisadas».

J. C. reconhece que é importante preparar estes animais desde tenra idade. Este afirma que quando um «animal é criado desde pequenino está à vontade, é fácil fazê-lo subir para cima da carrinha, e deixa afiar os cornos». No entanto, se este for um touro

comprado em adulto e que nunca tenha combatido, ou não o fizesse de forma regular, «é mais difícil, tem que ser trabalhado, tem que se passear, tem que se prender, tem que se amansar». A. T. indica que com um touro que participa em chegadas de bois deve ser apenas o proprietário a lidar, pois «conhecer bem o dono é importante para o animal, isso ajuda-o muito». Sendo, ainda, opinião deste que «um boi de luta tem que ser quase tratado como um animal de estimação». Assim, «quando se tem gosto num animal tem que se perder algum tempo com ele, se não, não vale a pena». J. B. acrescenta que desde cedo o tratador deve falar com o touro, tendo sempre a preocupação de chamá-lo pelo seu nome, e também de «meu grande» e «meu valente», e habituá-lo a outras palavras de incentivo, sempre presentes nas chegadas de bois, como: «aguenta aí boi, é boi, vai, dá-lhe, não larga, força, agora, bota fora». É ainda importante, particularmente, imediatamente antes e depois do combate, «fazer festas ao animal, coçá-lo, principalmente nas partes onde eles não chegam, como a região lombar, a cernelha e na cabeça, atrás dos cornos». No entanto H. S., e apesar de considerar estes cuidados importantes, acredita que o «saber lutar é algo que nasce com os animais»; respondendo, quando lhe é pedido para explicar como prepara os seus touros e o porquê de estes se apresentarem tantas vezes vencedores, que «isso é só do animal».

Os cuidados com os touros prolongam-se para lá do fim dos combates, J.B. refere que quando os animais saem feridos das chegadas de bois devem ser curados com «umas fricções de vinho tinto aquecido e banha de porco derretida», ou, quando os ferimentos são mais graves e os cortes mais profundos deve-se recorrer a injeções, e desta forma juntamente com «um certo tempo de intervalo e descanso tudo se cura antes da próxima chegada».

A estes cuidados junta-se a atribuição de nomes aos animais de combate. J. C. atribuiu ao touro que atualmente usa em chegadas de bois o nome *Bonito*, e a um outro touro, que pretende usar futuramente nestes combates, o nome de *Cabano* — dois nomes não raras vezes ouvidos nos espaços onde decorrem chegadas de bois, tendo sido comentado, durante um combate, que «hoje em dia todos os bois são Cabanos». J. C. justifica estes nomes com as características físicas e estéticas dos seus animais, que podem ou não ter influência na forma destes combaterem: o Bonito deve o seu nome à sua beleza, ou seja, por ser, como fica claro, um animal bonito, pelo menos aquando do seu nascimento, pois, nas palavras de J. C. «hoje até já nem o é»; e o Cabano tem o seu nome explicado pela forma dos seus chifres, que «tem os nascedouros direitos e depois só na frente é que se levantam um pouco» — nome atribuído, segundo J. C., «a muitos bois que nesta região têm os cornos assim». Também os dois bois utilizados por H. S. em chegadas de bois têm estes nomes. P. (trinta e cinco anos, imigrante) afirma que o seu touro, o *Rato*, deve esse nome, dado pelo seu primeiro dono, ao seu tamanho, pois «quando era novo era um animal pequeno». Por sua vez, os touros de A. T. têm, entre outros, os seguintes nomes: *Xerife*, *Pernas Atadas* e *Amarelo*. Apesar de nomes como *Pernas Atadas* (nome

com o qual J. B., conhecedor das capacidades deste touro, discorda, pois se «há coisa que ele não tem são as patas atadas») e Amarelo parecerem também eles estarem associados às características dos animais, A. T. refere que estes são «apenas nomes que uma pessoa lhes dá, não têm grande significado». Neste sentido, existem vários nomes atribuídos a touros, como por exemplo, *Xau*, *Zico*, *Canário*, *Pinheiro*, *Burguês*, ou *Pardal*, cujo significado não foi possível decifrar, e, assim sendo, podem ser nomes criados apenas com a função de individualizar e permitir identificar estes animais.

Existem outros nomes, mais ou menos comuns, associados às características físicas e estéticas dos animais, que são: *Negro*, *Vermelho*, *Preto*, *Branco*, *Gancho* ou *Côto*. Outro proprietário optou, possivelmente, por evidenciar através do nome a inteligência, ou provavelmente a astúcia em combate do seu animal, chamando-lhe *Esperto*. Da mesma forma, recorde-se o *Navalhadas*, cujo nome evidenciava as suas características de combate, pois este «fazia riscos que pareciam navalhadas nos outros bois», como conta M.A.B. Há ainda quem procure homenagear figuras e personagens conhecidas, geralmente do desporto, chamando *Ronaldo* ou *Mantorras* aos seus touros; da política, como no caso do touro *Guterres*, ou ainda *Zorro*. Existem também nomes que nos remetem para a raça do animal, como o nome, bastante comum, *Penato*, alusivo aos animais de raça Penata, outra designação para a raça Maronesa.

Todos estes cuidados demonstram a existência de uma relação de proximidade entre proprietário, ou tratador, e touros de combate. J. C. afirma inclusivamente que animal e dono «têm que se conhecer», acrescentando que quando os seus animais vão para a chega de bois, no «momento de carregá-los no carro percebe-se logo se estes vão à vontade para turrar ou não, se estão bem ou não». Da mesma forma, «se o dono sente o animal, o touro, que é muito inteligente, sente o dono» e, assim, «se estamos com vontade de vencer, os animais vão também, à partida, com a mesma vontade». N. D., por sua vez, fala numa «grande ligação entre o proprietário e o animal», que desde sempre foram «criados juntos» e, por isso, «mais ninguém do que estes proprietários sabem como lidar com estes bois».

No entanto, apesar deste tipo de relação, A. T. não esconde que quando «um animal nunca demonstra prestar nas chegadas» lhe ganha «raiva» e «vai para abate» ou é vendido a criadores de gado que pretendam estes animais para outras funções como, por exemplo, a procriação. Também J. C. diz que, e apesar de estes animais poderem lutar, regra geral, até aos doze anos, quando «não são bons a gente tira-os mais cedo, e depois, à partida, têm que ir para abate». Porém, como visto antes, a derrota, ou até mesmo a existência de diversas derrotas, não leva sempre a este fim: A. T. salienta que «há animais que podem perder, mas que fazem boas chegadas e mantêm-se» e «eles continuam a lutar, não ficam com medo, precisam é de repouso». J. C. relata que muitas vezes, antes de optar por abater um touro derrotado, realiza com este «uma chega com um animal inferior a nível de peso e capacidade de luta a ver se consegue reagir, ter uma vitória e depois combater

bem outra vez». Já P., aquando da segunda derrota do seu touro Rato, afirmou que este «pode ter perdido, mas continua a ser um bom boi», e por isso, sente-se orgulhoso do seu animal, acrescentando que «quando ele morrer vou cortar-lhe a cabeça para meter na minha sala, para todos verem», e que quer continuar a fazer combates com ele. Contudo, esta não era a opinião de muitos daqueles que tinham assistido a esta chega de bois, que o aconselhavam a «vender o boi para morrer, porque agora já não pega mais», opinião partilhada pelo pai de P., tratador do animal, havendo ainda quem se oferecesse para o comprar «para fazer umas chegazitas com uns boizitos mais fraquitos».

Quando um animal vence, conquista o *Campeonato*, ou é referido como campeão, torna-se o orgulho dos seus proprietários. H. S. afirma que, para ele, vencer uma chega de bois «é uma alegria» e ganhar o *Campeonato* «um orgulho enorme». A. T. reconhece que a conquista do *Campeonato* ou ter um campeão «que fez dezassete chegadas sem perder é sempre motivo de orgulho», sobretudo porque «assim, o animal ganha nome, fica famoso, conhecido», o que «também chama pessoas para as chegadas» — e que garante convites para participar em chegadas de bois, quer no concelho, quer fora deste. Para N. D. «não se consegue exprimir a alegria, o brio, a vaidade, a satisfação de se ter o boi campeão, seja de raça Barrosã, cruzado ou de outra raça».

No entanto, também os touros que sempre mostraram boas prestações e se sagraram várias vezes vencedores, mas que por culpa da idade, de um chifre partido durante uma luta, mesmo que nesta tenham obtido uma vitória, ou de outras razões que os tenham levado a ficar incapacitados de lutar ou a apresentar um decréscimo na qualidade das suas prestações e uma redução das vitórias obtidas, são abatidos. A. T. refere que esta é uma decisão difícil de tomar; com este concorda J. C., que diz que quando isso acontece: «nunca quero ver. Vendo sempre para longe da minha porta, que é para eu não o ver a ser abatido».

CONCLUSÃO

No caso do Barroso, é impossível dissociar os combates de touros, ou seja, as chegadas de bois, daquela que é, quer atualmente quer antigamente, uma das principais atividades económicas desta região: a pecuária, sobretudo, a criação de gado bovino. Esta prática, associada ao comunitarismo e ao boi do povo, permitiu que as comunidades do Barroso atribuissem, também, uma forte carga social e simbólica ao seu gado. Sendo prova disso a preocupação em manter a continuidade das chegadas de bois, bem como memórias e espaços a si associados, e a realização de diversas medidas de conservação de gado bovino de raça Barrosã, como os concursos pecuários. Desta forma, torna-se, também, importante preservar e estudar o *saber fazer* associado a este tipo de manifestações. Aspeto que permite, ainda, compreender quais os atuais traços da relação entre proprietários e os seus animais de combate, e como evoluiu esta relação com todas as alterações que as chegadas e o mundo rural conheceram nas últimas décadas, ou para compreender,

com uma futura investigação mais aprofundada, como as chegadas de bois contribuem para a salvaguarda, seleção e melhoria de determinadas raças de gado bovino.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Jorge (1985) — *Fontes para a História do Barroso*. Montalegre: Câmara Municipal de Montalegre.
- BAPTISTA, José Dias (2006) — *Montalegre*. Montalegre: Município de Montalegre.
- BISHOP, Carl W. (1926) — *The ritual bullfight*. «Smithsonian Annual Report», p. 457-468.
- CAPUCHA, Luís (2013) — *Festas de touros*. «Anthropológicas», vol. 24, n.º 1, p. 146-179.
- FONTES, António Lourenço (1982) — *Cultura popular da zona do barroso*. «Brigantia: Revista de Cultura», n.º 4, vol. II, separata.
- (1992) — *Etnografia Transmontana: Crenças e Tradições de Barroso*. Vol. I. Lisboa: Editorial Domingos Barreira.
- GUERREIRO, Manuel Viegas (1981) — *Pitões das Júnias: Esboço de Monografia Etnográfica*. Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico.
- MAUDET, Jean-Baptiste (2010) — *Terres de Taureaux: Les Jeux Taurins de L'Europe à L'Amérique*. Madrid: Casa de Velázquez.
- MORAIS, Maria (2007) — *Entre Quem É!: Tradições de Trás-os-Montes e Alto Douro no Diário de Miguel Torga*. Coimbra: Pé de Página Editores.
- MOURA, Fernando (1995) — *Barroso e as Chegas de Bois*. Braga: Editora Correio do Minho.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de (1995) — *Festividades Cíclicas em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- PEREIRA, Cristiano (2016) — *As Chegas de Bois em Montalegre: Etnografia, Memória e Intervenção Museológica*. Tese de mestrado. Braga: Universidade do Minho – Instituto de Ciências Sociais.
- POLANAH, Luís (1989) — *Função da vizinhança entre os camponeses de Tourém*. «Antropologia Portuguesa», vol. 7, separata.
- (1990) — *Espírito do comunitarismo*. «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», vol. 30, separata.
- (1992) — *A Propósito do Comunitarismo na Serra do Gerês*. Terras de Bouro: Câmara Municipal de Terras de Bouro.
- SOUSA, Tude M. de (1927) — *O Gerez: Notas Etnográficas, Arqueológicas e Históricas*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

